

Com muito orgulho e alegria trazemos a público o volume 22, número 2 de 2020 da *Revista Gelne*, que é resultado de bastante trabalho e de grande desejo de contribuir para a divulgação da pesquisa científica em nosso país. Este volume está dividido em duas seções: a primeira composta de 17 artigos que contemplam várias áreas temáticas da Linguística e da Literatura e a segunda, por 14 artigos que compõem um *Dossiê sobre Morfologia*.

Abrindo a primeira seção, encontramos o artigo, de autoria de Maria Alice Tavares, com título **Gênero textual na interface variação-gramaticalização: o caso da perífrase V (E) V2**, que analisa o gênero textual como fator condicionador da escolha entre IR e PEGAR para desempenhar o papel de V1 na perífrase V1 (E) V2, e mostra que IR é favorecido em relatos de procedimentos e relatos de opinião e PEGAR em narrativas de experiência pessoal e narrativas vicárias. No artigo seguinte, de título **Ensinando a ser mulher: um estudo do discurso pedagógico do Almanaque da Família (1947)**, Ariana Pereira da Silva e Aguiário Pimentel Silva apresentam um estudo sobre o discurso pedagógico do *Almanaque da Família* de 1947. Utilizando-se a discussão proposta por Orlandi (1994, 2006) em relação ao discurso pedagógico, tomado como um discurso de tipo autoritário, chegam à conclusão de que o *Almanaque da Família* ajudou a (re)produzir uma representação feminina conservadora, ancorada no discurso religioso que sustentava o imaginário social da época.

Em seguida, Doris Cristina Vicente da Silva Matos e Acassia dos Anjos Santos Rosa trazem o trabalho **PIBIB e RP: um olhar de professores de espanhol em formação na UFS**, situado na área da Linguística Aplicada, com foco na formação de professores de espanhol. As autoras analisam as impressões dos graduandos dos Cursos de Letras/Espanhol e Letras Português/ Espanhol da Universidade Federal de Sergipe que tenham experiência de participação nos seguintes projetos de formação inicial de professores: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e o Programa de Residência Pedagógica. Dando sequência, Benedito Bezerra e Kamyla Pradines apresentam o trabalho **Padrões de recorrência entre resumos e introduções de artigos científicos de alunos de graduação**, cujo objetivo é analisar comparativamente, à luz da teoria de gêneros swalesiana, a distribuição das informações entre o resumo e a introdução do artigo científico. Do ponto de vista dos letramentos, concluem que a produção desses gêneros acadêmicos representa uma tarefa significativamente complexa para o graduando.

O artigo **Liame vivo: quadros da memória coletiva, genealógica e familiar em espaço terrestre, de Gilvan Lemos**, de autoria de Anderson Felix Santos, traz uma análise das memórias genealógica e familiar como elementos estruturantes do enredo no romance *Espaço Terrestre* (1993), de Gilvan Lemos, e sua importância para solidificação do grupo familiar, a partir de conceitos debatidos pelos teóricos Maurice Halbwachs (2003; 2004), Ecléa Bosí (1994), Myriam Lins de Barros (1987), entre outros. Logo após, temos o trabalho de Rodrigo Nunes, Linduarte Pereira, **Estudos culturais como proposta de ensino de semântica: ressignificando a prática docente**, que apresenta uma reflexão sobre os estudos culturais nas aulas de Língua Materna tendo como base a Semântica de Contextos e Cenários (SCC), ancorado em estudos realizados por Candau (2014), Ferrarezi Jr. (2008), Rodrigues (2009) e nos documentos oficiais (BRASIL, 1998; 2002; 2013), entre outras bases teóricas.

Carla Maria Cunha e Gabriel Sales, com o trabalho **Produção do /s/ pós-vocálico em São José do Mipibu-RN**, inserido na área de Fonética e de Fonologia, dedicam-se ao estudo da fala da comunidade de São José do Mipibu. A análise respalda-se nas teorias Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995) e na Sociolinguística (LABOV, 1977). Na sequência, temos o artigo **A imagem do físico e seus estereótipos uma leitura da obra Solar, de Ian McEwan**, de Margarete Hülsendeger, que analisa como o personagem “científico” é representado no romance *Solar* (2010), de Ian McEwan, examinando os elementos que indicam a presença de possíveis estereótipos. Já Ferdnando de Oliveira

Figueirêdo em seu artigo, **Através da imagem: a fotografia como recurso narrativo em o livro das emoções e o lar da srta. Peregrine para crianças peculiares, de XXXX**, desenvolve um estudo analítico-comparativo da fotografia enquanto recurso narrativo para a composição das obras *O livro das emoções* (2008), do escritor brasileiro João Almino (1950-), e *O lar da Srta. Peregrine para crianças peculiares* (2016), do escritor e cineasta americano Ransom Riggs (1979-), propondo observar como cada autor usou a fotografia no romance, considerando as contribuições de críticos como Brizuela (2014), Garramuño (2014), dentre outros.

O décimo artigo tem por título **Os aspectos semântico-funcionais da volição**. De autoria de André Silva Oliveira e Nadja Paulino Pessoa Prata, o trabalho discute os valores modais da volição nos discursos proferidos pelo Papa Francisco em língua espanhola, concluindo que os valores modais se distinguem com base na avaliação que o falante faz sobre aquilo que deseja como sendo algo que lhe foge ou não ao controle, tendo caráter mental e/ou acional, e do entendimento das relações que estabelece com os demais que o cercam. Logo após, em **Efeitos sintáticos e temáticos na resolução de pronomes ambíguos em Português Brasileiro**, Mahayana Godoy e Renata Sabrinne Souza de Carvalho investigam, de forma experimental, que tipo de informações influenciam falantes nativos do Português Brasileiro durante a resolução *online* de um pronome pleno ambíguo. Os resultados indicam que, ao contrário do que ocorre em outras línguas, informações sintáticas não mudam as probabilidades associadas às preferências de interpretação de pronomes plenos.

Na sequência, Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro traz o artigo **A escrita no ensino médio: uma análise comparativa de produções escolares maranhenses**, empregando autores como Foucault (1969; 1983); Chartier (1990); Possenti (2002); Lacan (1961;1975-1976); e Benveniste (1988). A autora realizou análise comparativa de duas produções textuais de alunos concluintes do ensino médio, concluindo que a escolha pelo gênero dissertação escolar intervém negativamente na expressão da subjetividade nos textos analisados. Segue-se o trabalho **Mitos e concepções acerca do bilinguismo infantil: um estudo de caso de mãe peruana e filha brasileira**, de Bruna Teixeira Correa e Isabella Ferreira Mozzillo, o qual se constitui como um estudo de caso que observa a influência dos mitos que circundam o bilinguismo infantil na atitude linguística de uma mãe que decidiu não ensinar a sua língua materna a sua filha, por meio da identificação do sentimento da filha, já adulta, em relação a essa escolha, observando, ainda, o papel do pai nessa decisão.

Com o título **Concordância verbal com coletivos: restrições morfossintáticas e semântico-discursivas**, o artigo de João Paulo Ferreira Maia e Márluce Coan trata da concordância verbal com nomes coletivos no português falado em Fortaleza-Ceará, à luz de pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Dos resultados, depreende-se que, na fala fortalezense, é a forma singular a preferida, decorrente de restrições morfossintáticas e semântico-discursivas. O trabalho seguinte é **A cura por meio da benzeção feminina: um estudo de caso com uma rezadeira de Fortaleza**, de Yls Rabelo Câmara, o qual traz um estudo de caso de uma rezadeira de um bairro periférico de Fortaleza, capital do Ceará, escolhida como representante da rezadeira do tipo classificado como tradicional, mas que está se adaptando aos contornos pós-modernos da Aldeia Global. Ancorado em teóricos importantes da área como Conceição (2008), Rosário (2014) e Theotonio (2011), o trabalho ratifica a importância do estudo mais aproximado de agentes femininos de benzeção. Já em **Leitura: um lugar atravessado pela historicidade da linguagem**, Laécio Oliveira e Linduarte Rodrigues consideram a revolução política e sociocultural iniciada na modernidade, fomentadora de novas formas de atuação linguística e (res)significação de outras pelos sujeitos. Partindo dos estudos semânticos de Guimarães (2002), expõem os textos como fenômenos linguísticos atravessados pelo caráter histórico e heterogêneo da linguagem, aspectos observados nos textos analisados, que mobilizam

diversas habilidades de letramentos sociais e que impulsionam as práticas socioculturais do homem hiper-semiotizado.

O último artigo da primeira seção tem por título **Aspectos morfossintáticos de nomes e verbos compostos nas línguas Apinajé e Parkatêjê**, de autoria de Sindy Ferreira e Marília Ferreira, e apresenta as principais características morfossintáticas relacionadas aos compostos nominais e verbais das línguas indígenas Apinajé e Parkatêjê, ambas pertencentes à família Jê, tronco linguístico Macro-Jê. Utiliza dados extraídos de Oliveira (2005) e Ferreira (2003) e realiza algumas considerações teóricas sobre o processo de composição a partir de Booij (2007) e Lieber & Štekauer (2009), mencionando a dificuldade em se definir tal processo nas línguas naturais.

Fechando o número 2 do volume 22, trazemos o *Dossiê de Morfologia*. O primeiro texto desse Dossiê, de Ana Paula Scher, Danniell da Silva Carvalho e Paula Roberta Gabbai Armelin, tem o título **Apresentação do dossiê de morfologia: questões contemporâneas em morfologia e suas interfaces** e explica, em linhas gerais, que a Morfologia é entendida como a área da linguística que investiga aspectos relacionados à formação e estrutura interna das palavras, chamando a atenção para o fato de que um simples aprofundamento dessa definição é suficiente para apontar para questões básicas e centrais que ainda hoje se constituem como um interessante debate nos estudos que tomam a palavra como objeto de investigação.

Na sequência do Dossiê temos o artigo **Dando nome aos nomes: notas sobre a forma e o significado dos nomes próprios**, de Maurício Resende, que trata dos problemas estritamente linguísticos que subjazem à caracterização dos mecanismos de derivação e dos diferentes empregos dos nomes próprios, propondo um tratamento sintático para a formação de palavras, assumindo o quadro da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), e, ainda, defendendo que os fatos empíricos levantados são descritivamente mais bem explicados à luz desse modelo. Em seguida, temos **Morfologia interna e externa na emergência de raízes prefixadas durante a aquisição de português brasileiro**, artigo de Indaiá de Santana Bassani e Julia Svazati Assine, que recorrem à aplicação de testes de inferência estatística, para descrever a emergência de raízes prefixadas por *a-*, *eN* e *deS-* na produção infantil de três crianças durante a aquisição de português brasileiro como língua materna (dos 3 aos 5;06 anos). O terceiro artigo, **Sobre o conteúdo fonológico das raízes: raízes supletivas, fonologias genéricas e erros de fala**, mais uma vez, Indaiá de Santana Bassani agora em parceria com Rafael Dias Minussi, retoma uma discussão presente no modelo da Morfologia Distribuída (MD) (HALLE e MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997) sobre a natureza das raízes e seu conteúdo na Lista 1, por meio dos argumentos presentes em Harley (2014), os autores continuam a discussão iniciada em Bassani e Minussi (2015) e Minussi e Bassani (2017), defendendo que as raízes, assim como os núcleos funcionais, estão sujeitas a inserção tardia de vocabulário.

Seguindo com os artigos do Dossiê, temos Ana Paula Scher e Beatrice Nascimento Monteiro com o trabalho **O estatuto morfossintático dos prefixos negativos des- e in- em português**, o qual busca discutir o estatuto morfossintático de dois prefixos negativos de grande produtividade no português: *des-* e *in-* a partir dos critérios estabelecidos por Creemers et. al. (2018), para a distinção entre afixos e raízes. Logo depois, temos o artigo **Inserção tardia para raízes: supleção e depoência**, de autoria de Paula Roberta, Gabbai Armelin, Lydsson Agostinho Gonçalves e Nilton Duarte Melo, que revisita o debate entre inserção tardia e inserção precoce de raízes no quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE E MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), oferecendo argumentos a favor da primeira abordagem. Já o artigo **Observações sobre o marcador de negação do japonês no predicado morfologicamente complexo**, novamente Ana Paula Scher, agora em coautoria com Jorge Willian Pedroso, tratam do marcador de negação do japonês, que será observado no contexto do que é denominado pela literatura linguística do japonês como

predicado morfológicamente complexo (cf. MIYAGAWA, 1980; KAGEYAMA; KISHIMOTO, 2016), com objetivo de analisar a formação desses predicativos e discutir o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês. Por sua vez, **A configuração de referência nos pronomes de terceira pessoa em português**, trabalho de Fernanda de Oliveira Cerqueira e Danniell da Silva Carvalho, descreve o perfil morfossemântico do pronome pleno de terceira pessoa no português brasileiro. Partindo de uma Teoria-phi (HARBOUR, ADGER; BÉJAR, 2008), os autores propõem que a categoria *pessoa* é composta por traços mais atômicos, que incluem os traços de definitude e especificidade. Em seguida, Natival Almeida Simões Neto apresenta o trabalho **Do latim –entus ao português –ento: uma leitura morfossemântica orientada pela morfologia construcional**, que propõe uma análise das palavras derivadas com os sufixos adjetivais portugueses *-ento* (*fedorento, bolorento, avarento, caspento, nojento, amarelento, rabugento, sarnento, odiento*) e *-lento* (*sonolento, purulento, flatulento, macilento, violento, opulento, sanguinolento*), em perspectiva histórica e construcional. O trabalho descreve aspectos variados, como a categoria lexical da base, a categoria lexical do derivado e o comportamento polissêmico do esquema de sufixação.

Dando continuidade, o artigo **Sufixos com fricativas coronais na língua portuguesa da segunda metade do século XVI**, de Mário Eduardo Viaro, estuda diversos sufixos (a saber, *-ês, -esa, -ez, -eza, -ice, -ícia, -iça, -iza, -iz, -iço, -iça, -aço, -aça, -az*), que representam a sincronia da língua portuguesa da segunda metade do século XVI, concluindo que foram apresentadas diferenças significativas na produtividade desses sufixos, assim como foram contrastados com itens lexicais com terminações similares que não desenvolveram sufixos independentes nas sincronias subsequentes. Já o artigo **Gênero e aspecto nominal: desdobrando individualização**, Danniell da Silva Carvalho, dessa vez, com Jair Gomes de Farias e Dorothy Bezerra Silva de Brito, discutem a função de gênero gramatical nos nominais e sua correlação com individualização com objetivo de evidenciar que gênero gramatical é especificado léxico-semanticamente na composição de individualização. Em seguida, João Paulo Lazzarini Cyrino e Eudes Barletta Mattos apresentam **Um estudo exploratório sobre a classificação de morfemas por agrupamento hierárquico para comparação tipológica**, que se trata de estudo sobre o uso de classes distribucionais de morfemas como uma forma de fazer comparação tipológica. Realizam o estudo com quatro línguas não relacionadas geográfica ou geneticamente: araweté, yakkha, pite saami e khwarshi. O penúltimo artigo do dossiê é de autoria de Ariele Helena Holz Nunes e Ana Livia Agostinho. Com o título **Repensando ideofones e reduplicação no crioulo haitiano**, objetiva ampliar as discussões acerca da classe dos ideofones e apresentar o funcionamento dos ideofones haitianos. As autoras propõem que os ideofones haitianos devem ser reanalisados de acordo com duas características (morfo)fonológicas: a característica onomatopáica e a reduplicação (morfo)fonológica. Finalizando o *Dossiê de Morfologia*, com o texto **Algumas características centrais da morfologia distribuída**, Morris Halle e Alec Marantze elucidam que todas as teorias de morfologia reconhecem a existência de conexões entre, de um lado, traços semânticos, sintáticos e morfológicos e, de outro, traços fonológicos.

Nós, editores da *Revista Gelne*, agradecemos os autores e pareceristas que tornaram possível a elaboração deste volume e desejamos aos leitores que esses trabalhos contribuam para a pesquisa e reflexão sobre os diversos temas tratados, ampliando o debate acadêmico e estimulando possíveis novos trabalhos nas áreas de Linguística e Literatura.

Sherry Morgana Justino de Almeida
(Editora Executiva)